

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS - UFLA**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**As relações étnico-raciais na educação infantil: contribuições da literatura infantil e a experiência no projeto “Lê pra mim?”**

Gabriela de Souza Felizardo

Lavras – MG  
2021

Gabriela de Souza Felizardo

**As relações étnico-raciais na educação infantil: contribuições da literatura infantil e a experiência no projeto “Lê pra mim?”**

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Soares da Silva

Lavras-MG

2021

## **Agradecimento**

Chegar até aqui é lembrar dos olhos que me olharam e me cuidaram! É lembrar das minhas avós Líbia Vilas Boas em *In memoriam* Nilcia Felizardo, de meus pais Roseni das Dores de Souza Felizardo e Silvério Felizardo.

Agradeço a universidade pública pelo fornecimento de bolsa, e estrutura para eu chegara até aqui. Ao projeto “Lê para mim?”, fonte de inspiração, desassossego e frutos de experiência.

Agradeço à minha orientadora Luciana, sempre gentil e generosa.

Aos amigos e amigas que fiz e pude andar em bando.

Aos membros da família Felizardo e Souza.

Ao meu namorado Welder Nascimento, sempre cuidadoso e gentil em me buscar aos finais das aulas, Welder foi um apoio e suporte importante na minha trajetória (Te amo môr!).

A minha irmã, Jéssica Tatiane Felizardo, foi ela quem me deu os primeiros livros de bell hooks, sempre me incentivou na escrita e pesquisa.

A minha irmã Jaciara Lima Felizardo, por possibilitar risadas e nos dar de presente a Iara, sua primeira filha que foi fonte de alívio nos dias de cansaço para mim.

A minha irmã Daniela Felizardo, fonte de inspiração, e de reinvenção do que pode uma mulher mãe na academia. Agradeço também pelo presente dela ter nos dado Pierre Dominique seu primeiro filho, fonte de alegria e bagunças em momentos de cansaço.

A todas professoras que resistem!

As crianças pretas que resistem e deixam partes dela em mim que agora sigo pela vida...

**Resumo:**

O trabalho tem como análise uma repercussão sobre a temática étnico-racial, frisando uma percepção sobre a análise da escritora, antirracista norte americana bell hooks, em que traz como exposto um estudo sobre uma educação libertadora. Os objetivos é apontar subsídios para o trabalho da temática étnico-racial nas escolas, visando o reconhecimento e a valorização de identidades negras por meio da literatura infantil. Como objetivo específico, a verificação de possibilidades para abordar a diversidade cultural e o reconhecimento da identidade, dando oportunidade para a construção de vínculos afetivos dentro dos espaços escolares. A pesquisa está dividida em capítulos que apresenta uma percepção dos conceitos raça e racismo e logo, frisa sobre um olhar mais atento na educação libertadora. Isto posto, nesse momento vamos apresentar o contato da escola, alunas, alunos e docentes, na qual se destaca a importância da troca de experiência para restringir ações pedagógicas que esteja inserida na realidade do discente. Frente a isso, passamos a conhecer hooks e seu olhar para práticas voltadas em direção a sala de aula. Portanto, buscamos resultados voltados para uma aprendizagem significativa e igualitária. hooks, traz em sua obra, *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade (2013)* o contato com Paulo Freire e seus pensamentos, em que fez ela pensar a educação como uma troca de afeto. Indagamos sobre a consideração de autoras negras nas leituras e um olhar crítico nos livros didáticos. Como metodologia, selecionamos e analisamos os livros infantis de bell hooks, *Meu crespo é de rainha* e *Minha dança tem história*, e a experiência e momentos de aprendizagens obtidas durante o projeto de extensão “Lê pra mim?”. Finalmente, o trabalho de conclusão de curso é escrito em tempos de pandemia, de precariedade mundial. Congruente a isso, traçamos por ferramentas de estratégia para alcançar um debate a respeito do racismo e das diversidades culturais na educação infantil.

**Palavras-chaves:** Pedagogia libertária; literatura infantil; questão étnico-racial.

Alguém me explica o que nesse mundo é real  
O tiroteio na escola, a camisa no varal  
O vilão que tá na história ou aquele do jornal  
Diz por que descobertas são letais?  
Os monstros se tornaram literais  
Eu brincava de polícia e ladrão um tempo atrás  
Hoje ninguém mais brinca, ficou realista demais  
As balas ficaram reais perfurando a eternit  
Brincar nós ainda quer, mas o sangue melou o pique  
O final do conto é triste quando o mal não vai embora  
O bicho-papão existe, não ouse brincar lá fora  
Pois cinco meninos foram passear  
Sem droga, flagrante, desgraça nenhuma  
A polícia engatilhou: Pá, pá, pá, pá  
Mas nenhum, nenhum deles voltaram de lá  
Foram mais de cem disparos nesse conto sem moral  
Já não sei se era mito essa história de lobo mau  
Diretamente do fundo do caos procuro meu cais no mundo de cães  
Os manos são maus  
No fundo a maldade resulta da escolha que temos nas mãos  
Uma canção infantil, à vera  
Mas lamento, velho, aqui a bela não fica com a fera  
Também pudera, é cada um no seu espaço  
Sapatos de cristal pisam em pés descalços  
A rapunzel é linda sim, com os dreads no terraço  
Mas se a lebre vim de juliet, até a tartaruga aperta o passo  
Porque é sim tão difícil de explicar  
Na ciranda, cirandinha, a sirene vem me enquadrar  
Me mandando dar meia-volta sem ao menos me explicar  
De costa barros a guadalupe, um milhão de enredos  
Como explicar para uma criança que a segurança dá medo?  
Me explicar que oitenta tiros foi engano  
Oitenta tiros, oitenta tiros, ah  
Carrossel de horrores, tudo te faz refém  
Motivos pra chorar até a bailarina tem  
O início já é o fim da trilha  
Até a Alice percebeu que não era uma maravilha<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Canção Infantil de Cesar MC.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Todo menino é um rei. ....	12
Imagem 2: Crianças felizes. ....	16
Imagem 3: Afeto.....	19
Imagem 4: Bell hooks.....	26
Imagem 5: Foto da obra: Meu crespo é de rainha.....	31
Imagem 6: Pixain.....	32
Imagem 7:Menino bolado.....	33
Imagem 8: Abayomi.....	38

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ESTUDOS SOBRE O TEMA</b> .....	12
2.1 Conceitos Básicos sobre preconceito e racismo.....	12
<b>3. A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE</b> .....	16
<b>4. CURRÍCULO E FORMAÇÃO DOCENTE</b> .....	19
<b>5. METODOLOGIA</b> .....	24
<b>6. bell hooks E A LITERATURA INFANTIL</b> .....	26
6.1 Meu crespo é de rainha.....	31
6.2 Minha dança tem história .....	33
<b>7. A EXPERIÊNCIA NO PROJETO “LÊ PRA MIM?”</b> .....	34
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>9. REFERÊNCIAS</b> .....	43

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso foi escrito pelas mãos de uma mulher negra com pigmento de cor clara, vista como parda, que cursou todo o ensino fundamental e ensino médio em uma escola pública da cidade de Lavras-Minas Gerais. A Escola é composta por alunos de baixa renda, em sua maioria negra. Concluí a educação básica no ensino público, e ocupei uma vaga na universidade pública, por meio da Lei nº 12.711/2012, que reserva vagas dentro da universidade para pessoas que possuem as seguintes características: negra, parda ou indígena. A vaga deve ser preenchida também por estudantes advindos de família que possuam renda mensal igual ou menor que 1,5 salário mínimo.

Ao ocupar uma vaga em uma das cadeiras da academia, me interessei pela temática étnico-racial. O primeiro contato com a temática se deu por meio da experiência no projeto de extensão “Lê pra mim?”. Este foi responsável por produzir desassossego e inquietação.

O projeto “Lê pra mim?” busca trabalhar as relações étnico-raciais na educação infantil, a partir da literatura afro-brasileira e indígena e literatura africana. A proposta se deu em uma escola periférica de Lavras- MG. Como extensionista durante dois anos, minha função foi trabalhar com o reconhecimento de identidades negras por meio de literaturas e brincadeiras junto às crianças.

Nosso objetivo tinha como foco o trabalho com a autoestima e o reconhecimento da identidade e a valorização da literatura infantil. Assim, ao longo do projeto, eram utilizadas referências de mulheres negras, brincadeiras africanas de uma forma lúdica. Por fim, o projeto me incentivou a ter uma visão crítica a respeito das relações étnico-racial dentro da sala de aula.

Entendemos que o silêncio sobre o quesito raça em sala de aula pode ocasionar a perpetuação do preconceito, discriminação e racismo no espaço escolar e fora dele, considerando que tais questões já estão enraizados na sociedade brasileira.

O projeto me trouxe aperfeiçoamento e curiosidade em pesquisar, analisar e questionar a literatura afro-brasileira e indígena e literatura dentro do ensino educacional, em busca de uma aprendizagem significativa e de pluralidade para os educandos e docentes. Acredito que, ao ser levada a questão étnico-racial para sala de aula, as intervenções ajudarão no combate e perseguição das pessoas que se autodeclaram negras.



Tendo isto em vista, durante a minha formação docente, o princípio em trabalhar as questões étnico-raciais deu-se de forma insuficiente, pois, ainda temos no eixo do currículo da Pedagogia uma pedagogia colonizada, no qual lemos autores em sua maioria brancos e homens. Apesar dessa insuficiência, é através do olhar crítico do e da discente em sua formação, que este trabalho vai alçar formas de aderir a temática no curso.

Isso posto, na minha graduação, sempre tive como proposta inserir a temática étnico-racial nos trabalhos e pesquisa, cuja experiência trouxe um resultado que as demais alunas pudessem compreender a importância de engajamento e iniciativas em elaborar intervenções com ideal de incluir a temática dentro dos diversos espaços educacionais.

Todos nós da academia e da cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais - e a sociedade - de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade (hook, 2013. p 50).

Surge em meio a isso, a questão em trabalhar com a temática étnico-racial na educação infantil, almejando expor a valorização da diversidade cultural e étnico-racial, trazendo como foco feministas negras que trabalham com a literatura infantil, como uma forma de estimular o prazer das crianças pela leitura, reconhecendo sua ancestralidade e as representatividades promovidas pelas vozes negras.

Escrevo este trabalho com a intenção de resgatar costumes, culturas a liberdade para que as crianças se sintam incluídas na escola, cuja aposta é reformular a trajetória de uma educação que seja libertadora, com possibilidades de se buscar sentido e fortalecimento ao trabalhar com a lei 11645/08, na qual traz a obrigatoriedade em fazer práticas pedagógicas com a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” dentro do ensino. A vista disso, poderia a inclusão de autoras negras feministas na literatura infantil, alçar a resistência na superação ao racismo na educação infantil?

O desejo da produção pelo branqueamento em territórios brasileiros é visto como uma problemática, em que há uma magia branca pelos meios de comunicação reforçando o mito da Democracia-racial. No Brasil, em nome de uma pretensa democracia racial como aquela defendida por Gilberto Freyre (1997), escamoteia-se uma realidade que há muito perturba: o racismo velado (ou nem tanto) cometido, principalmente contra os negros.

De acordo com Guimarães (2009), mesmo passados 129 anos da abolição da escravatura, o que se percebe é que o negro é submetido a um Brasil que quer ser branco. As pessoas negras são marginalizadas pelo racismo, embora ocorra de forma silenciosa e camuflada. O que pode ser percebido por meio da História é que “[...] o racismo pertence ao presente da humanidade, e não somente ao seu passado” (Wieviorka, 2007, p. 11).

À vista disso, pensando na educação infantil e na violência racista (SOUZA, 1983), criar espaços para debater, criar estratégias e táticas sobre o ser negro ou negra, é insurgente, já que o desejo de ser branco é uma das questões que violentam os corpos negros. Sobre isso, nas palavras de Neusa Souza (1983, p. p. 19):

Tendo que livrar-se da concepção tradicionalista que o define econômica, política e socialmente como inferior, e submisso, e não possuindo e não outra concepção positiva de si mesmo, o negro viu-se obrigado a tomar o branco como modelo de identidade, ao estruturar e elevar a cabo a estratégia de ascensão social.

Com efeito, as leis 10.639/03 e a 11645/08 tornam obrigatório o ensino da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas do Brasil que afirmam os direitos da população negra nos diferentes âmbitos. Por essa razão, torna-se insurgente levar tal debate para as salas de aula, tendo como foco alçar a educação infantil. Ademais, a educação infantil, traz um parâmetro entre o cuidar e o educar. No entanto, é preciso tratar tais ações como planos didáticos com bastante frequência.

Temos como objetivo geral: trazer subsídios para o trabalho da temática étnico-racial nas escolas, visando o reconhecimento e a valorização de identidades negras por meio da literatura infantil. Nesse sentido, temos como objetivo específico: verificar possibilidades para abordar a diversidade cultural e o reconhecimento da identidade, dando oportunidade para a construção de vínculos afetivos dentro dos espaços escolares.

O trabalho está organizado em seções e subseções. Na seção intitulada *Conceitos Básicos entre preconceito e racismo*, apresentamos um diálogo com Antônio Sergio Alfredo Guimarães (2009); Kabengele Munanga (2015); Silvio Almeida (2018).

Na seção intitulada *A educação como prática de liberdade*, propomos um diálogo com bell hooks (2013) e Paulo Freire (1967).

Na terceira seção, *Currículo e formação docente*, pautamos a formação crítica da e do profissional docente e os desafios a serem enfrentados com a lei 10639/03 e 11645/08.

Na Metodologia, apresentamos os procedimentos metodológicos pautados para o desenvolvimento do trabalho.

Na seção intitulada *bell hooks e a literatura infantil*, abordamos a importância das obras de bell hooks e sua representação no trabalho com a infância, analisando as obras *Meu crespo é de rainha* e *Minha Dança Tem História*.

Na seção seguinte, *A experiência no projeto “Lê pra mim?”*, refletimos sobre as experiências no projeto de extensão “Lê pra mim?” ressaltando práticas executadas.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Conceitos Básicos sobre preconceito e racismo

**Figura 1** Todo menino é um rei



**Fonte:** Disponível: “Minha dança tem história” (hooks, 2019, p.7).

A memória é “presente” na subjetividade de indivíduos que carregam no sangue a cultura, a etnia, a raça, a história e as características físicas de seus ancestrais. Ao nos remetermos aos trezentos anos de escravidão, fica o resquício de um acontecimento perverso, que ainda se faz presente na contemporaneidade, manifestado por meio do racismo, que acarreta violência, preconceito, segregação e discriminação. Quando essa memória é tratada com desprezo, ou quando não são ouvidas, nem reconhecidas, os indivíduos ou grupos ignorados podem, por justa

razão, sentirem-se vítimas de uma rejeição universalista, que pode tomar um cunho racista (WIEVIORKA, 2007, p. 157).

Assim, as práticas racistas acarretam violência contra o indivíduo, ocasionando traumas. Neusa Souza (1983) ressalta que tornar-se negro no Brasil é um processo: “ [...] Ser negro é ser violentado de forma constante, continuada e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encara o corpo e os ideias de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro (SOUZA, 1983, p. 06).

Fátima Oliveira em seu artigo “Ser negro no Brasil: alcances e limites” ressalta que ser negra é quem se autodeclara parda ou negra: “De acordo com a convenção do IBGE, portanto, negro é quem se autodeclara preto ou pardo. Embora a ancestralidade determine a condição biológica com a qual nascemos, há toda uma produção social, cultural e política da identidade racial/étnica no Brasil” (OLIVEIRA, 2014. p.58).

Para Guimarães Oliveira (2009), ser negro ou negra torna-se no Brasil é um processo doloroso. Escapar disso torna-se um labor vindo mesmo a se tornar um sintoma, ou um processo de adoecimento.

No Brasil, em nome de uma pretensa democracia racial como aquela defendida por Gilberto Freyre (1997), escamoteia-se uma realidade que há muito perturba: o racismo velado (ou nem tanto) cometido, principalmente contra os negros.

Assumir a identidade racial negra em um país como o Brasil é um processo extremamente difícil e doloroso, considerando-se que os modelos “bons”, “positivos” e de “sucesso” de identidades negras não são muitos e poucos divulgados e o respeito à diferença em meio à diversidade de identidades raciais/étnicas inexistente. Desconheço estudos brasileiros consistentes sobre identidade racial/étnica (OLIVEIRA. 2004 p.57).

O conceito de raça surge a partir de concepções biológicas, através do seu fenótipo, isto é, características físicas. No entanto, já está comprovado que em relação aos seres humanos raça não tem base biológica. Muitos autores identificam o conceito de raça de modo a ser ligado a um grupo social. Embora *raça* apoie-se em características fenotípicas, este é um conceito sobretudo social. O Munanga fala que raça é uma categoria sócio-política.

O autor explicita três fatores para caracterizar a personalidade: 1) fator histórico, aqui a história encontra um fio na medida em que um povo transmite seus saberes de geração para geração, aqui a memória prevalece “[...] na medida em que constitui o cimento cultural que une

os elementos diversos de um povo através do sentimento de continuidade histórica vivido pelo conjunto de sua coletividade” (MUNANGA, 2015, p. 12.). 2). O fator linguístico diz respeito à comunicação, formas de se comunicar no terreiro (orixás, inquices), formas de se comunicar por meio de estilos musicais, cabelos, penteados, estruturas linguísticas africanas enriquecem a expressão da língua portuguesa babaca “bobo”, borocoxô “triste”, biboca, “cafofo” ou mocambo, forma de nomear uma casa simples “cafundó. 3) o fator psicológico: aqui, trata-se de questionar a respeito do temperamento de preto e branco tendo em vista não a questão biológica como trata os racialistas, e sim a sua estrutura histórica e social.

A raça é evidente em alguns países “Ali, como todos têm um sexo, uma idade, uma nacionalidade, têm também uma raça”. (GUIMARÃES, 2009, p.21). Almeida (2018) aborda o termo de raça como um termo cultural e, sob o mesmo ponto de vista, trata-se de circunstâncias históricas como, o poder, a luta, a constituição política e a sociedade.

Outro registro que se refere ao conceito da raça são as características étnicas culturais de modo que associa a origem geográfica, à religião, e outros costumes. Para Guimarães (2009), o conceito de raça traça pela realidade natural do preconceito, pois, tal conceito tem uma realidade social plena e o combate ao comportamento social que ele enseja é impossível de ser travado sem que reconheça a realidade social que só o ato de nomear permite (GUIMARÃES, 2009).

Observando o ponto de vista de Guimarães (2009), a raça é representada por situações negativas que são classificadas por grupos sociais. O autor salienta que acredita na possível construção de raça propriamente sociologia. Sobre isso, ele diz:

Acredito, ademais, que somente uma definição nominalista de ‘raça’ seja capaz de evitar o paradoxo de empregar-se de modo crítico (científico) uma noção cuja principal razão de ser é justificar uma ordem acrítica (ideológica) (GUIMARÃES, 2009, p.22)

De tal modo, a ideia sobre o conceito de raça é caracterizada por ser algo sociológico de maneira social através da identificação do grupo. “A noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar a desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários” (ALMEIDA, 2018, p. 24).

Imediatamente, a raça estrutura características por meio de um catálogo tratando de uma decisão política, sendo que tais características são da fisionomia do grupo a que pertence. No

mais, o objetivo da definição do conceito raça, foi delimitar as pessoas brancas com as pessoas negras.

A raça para os brasileiros representa uma característica de representações da cor da população brasileira. Em solos brasileiros, a cor da pele, as características físicas (cabelo, boca, nariz) são o que definem o nível de racionalidade, capaz de levar um sujeito a cometer algum tipo de violência racista. Ao contrário, nos Estados Unidos da América, uma gota de sangue torna-se suficiente para que haja percepção de diferenciação entre raças. Sobre isso, Antonio Risério (2012, p. 17):

É claro que existe racismo no EUA. É claro que existe racismo no Brasil. Mas são espécies distintas de racismo, em decorrência da contextura histórica de cada projeto colonizador, da formação cultural diversa dos colonizadores de cada um desses países e do modo como se desenhou a trajetória social dos povos brasileiro e norte-americano.

Dessa forma, o racismo brasileiro, por sua vez, é um assunto que apresenta algumas complexidades, ao contrário do que se vê na história política, jurídica e social dos EUA. O preconceito racial, no Brasil, em nenhuma vez na história se expressou em termos de uma segregação explícita ou legalmente constituída, isto é, jamais foi racismo institucionalizado, raramente foi preconceito aberto, franco, escancarado (RISÉRIO, 2012).

Ademais, a concepção de racismo, vai além de uma concepção, e qualquer estudo sobre o racismo no Brasil deve começar por notar que, o racismo foi, até recentemente, um tabu. (GUIMARÃES, 2009), (RISÉRIO, 2012). Por conseguinte, há variáveis significados que se adéquam às seguintes características, como, o preconceito e a discriminação. Certamente Almeida salienta:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2018, p.7).

Em consequência disso, nota-se que o preconceito racial tem-se o conceito que leva ao determinado grupo a acreditar que a partir do estereótipo os mesmos são violentados a partir das práticas postas. A discriminação racial refere-se à atribuição de tratamentos diferenciados através de um grupo social, no mais, trata-se de uma força maior que é o poder.

Para tanto, a discriminação racial absorve de duas posições a direta e a indireta. Para Almeida (2018), a discriminação direta significa a posição da proibição de negros em certos espaços, eventos ou até mesmo países. A discriminação indireta são atitudes ignoradas por um pequeno grupo que é imposto a discriminação pelo direito ou também, por diverso impactos.

De acordo com Guimarães (2009), o racismo também está imposto pelo determinado grupo social. O autor cita que o racismo está relacionado à ideia do grupo natural. Porém, Guimarães apresenta que a definição de racismo que me parece correta terá, portanto, de ser derivada de uma doutrina racialista, isto é, de uma teoria das “raças”.

Portanto, as pessoas negras são marginalizadas pelo racismo, embora ocorra de forma silenciosa e camuflada, o que pode ser percebido por meio da História é que “[...] o racismo pertence ao presente da humanidade, e não somente ao seu passado” (WIEVIORKA, 2007, p. 11).

### 3. A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

**Figura 2** Crianças felizes



**Fonte:** FONTE: Disponível na obra: “Meu crespo é de rainha” (2018, p. 13)

bell hooks<sup>2</sup> (2013) nos ensina a pedagogia como libertária, a autora demonstra sua paixão e vínculo pelas obras de Paulo Freire. É possível juntar os saberes de ambos para trazer novas práticas que a princípio estabeleçam um novo ato de movimento de pensamentos.

Nessa perspectiva, a prática de liberdade para Paulo Freire relaciona não apenas a autonomia de pensamento, mas invoca a repensar sobre a democracia, política e sociedade, isto é, seria um novo instrumento de transformação global do ser humano na sociedade (FREIRE,

---

<sup>2</sup> Observação importante a se fazer, é que nome original da autora é Gloria Jean Watkins, ela prefere ser chamada pelo pseudônimo bell hooks em homenagem a sua bisavó, escreve em minúsculo pelo fato dela ter feito uma homenagem a sua avó, e também por quebrar com os modelos academicista que frisam uma gramática hegemônica.

1967). Como resultado, Paulo Freire relaciona que a partir da realidade do homem perante a sociedade, suas atitudes vão dinamizando o seu mundo, de fato, ele vai criar, recriar e transformar atos daquele momento de maneira que se transforme a cultura.

Congruente a isso, hooks (2013), ressalta que, a partir do momento que ela se defrontou com um ensino branco, toda a sua realidade foi excluída. Há nesse quesito uma violência contra o sujeito negro, que começa a idealizar os ideais de um mundo branco, ou seja, o corpo negro se anula por completo. Assim, ela relata:

De repente passamos a ter aula com professores brancos, cujas lições reforçam os estereótipos racistas. Para as crianças negras, a educação já não tinha a ver com as práticas da liberdade. Quando percebi isso, perdi o gosto pela escola. A sala de aula já não era um lugar de prazer de êxtase. A escola ainda era um ambiente político, pois éramos obrigados a enfrentar a todo momento os pressupostos racistas dos brancos, de que éramos geneticamente inferiores, menos capacitados que os colegas, até incapazes de aprender (hooks, 2013, p. 08).

Tendo isso em vista, o papel da escola é lançar um panorama sobre o “ser” sujeito negro, alunos que repudiam sua cor, que sentem desprezo pelo seu próprio corpo. Para lançar um cuidado de escuta, intervenção e aprendizado, a lei 10639/03 e 11645/08 é um auxílio de prática que visa trabalhar com a recusa do ideal branco assumido pela criança negra dentro de sala de aula.

Nas palavras de Paulo Freire: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p. 38). Isto posto, é função da escola e de toda a gestão apresentar meios para incluir todas as crianças nas atividades.

Consequentemente, o fazer dentro da escola, é muito satisfatório para a revolução acontecer dentro das instituições. Assim, a diversidade dentro da escola, são caminhos para construção e aprendizados múltiplos e singulares.

Não podemos nos desencorajar facilmente. Não podemos nos desesperar diante dos conflitos. Temos que afirmar nossa solidariedade por meio da crença num espírito de abertura intelectual que celebre a diversidade, acolha a divergência e se regozije com a dedicação coletiva (hooks, 2013, p. 50).



Possivelmente, as práticas e saberes que os docentes transportam para dentro da instituição, têm como objetivo ter futuros aprendizes, que futuramente consigam enfrentar a sociedade com um pensamento crítico. Logo, a escola é uma das instituições “responsáveis” em trazer para o debate um olhar crítico sobre as opressões. Temos apostado, como nos ensina bell hooks, em uma pedagogia revolucionária que reforce as práticas de liberdade. Em suas palavras: “A Educação como prática de liberdade, é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (hooks, 2013, p. 25).

Diante disso, o caminho que as educadoras fazem, é levar a reflexão para os alunos no ensino educacional a respeito do racismo, ancestralidade, à representação e alienação ao mundo do branco que repercute nas nossas relações como um todo.

A lei 10639/03 e 11645/08 asseguram e possibilitam esse diálogo dentro da sala de aula, visto que propõe que todos têm o direito de fazer esta reflexão sobre a temática étnico-racial, que inclui todas e todos no âmbito da educação.

Os princípios orientadores acerca das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana estabelece a aprendizagem no ensino fundamental e médio, tem como objetivo basear no parecer CNE/CP/03/2004. Como se observa no eixo da educação, o parecer afirma a obrigatoriedade sobre o estudo étnico-racial:

Art. 11. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, é obrigatório o estudo da história geral da África e da história da população negra no Brasil, observando o disposto na Lei nº 9.294, de 20 de dezembro de 1996

1º Os conteúdos referentes à história da população negra no Brasil serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, resgatando sua contribuição decisiva para o desenvolvimento social, econômico, político e cultural do país.

2º O órgão competente do Poder Executivo fomentar a formação inicial e continuada de professores e a elaboração de material didático específico para o cumprimento do disposto no *caput* deste artigo.

3º Nas datas comemorativas de caráter cívico, os órgãos responsáveis pela educação incentivarão a participação de intelectuais e representantes do movimento negro para debater com os estudantes suas vivências relativas ao tema em comemoração. (BRASIL, 2015, p. 17).

Tendo um olhar mais crítico, cabe ressaltar que nas instituições escolares, os resultados não são positivos, pois tendem a comemorar e trabalhar com a temática apenas no mês de novembro. Refletindo sobre isto, será que atividades com a temática, História e Cultura Afro-

Brasileira e Indígena dentro da instituição escolar, voltadas apenas para a semana da consciência negra, basta? Pensando nisso, avançamos para experiências que podem ser trabalhadas com a educação infantil que repercute com a elaboração de recursos pedagógicos.

#### 4. CURRÍCULO E FORMAÇÃO DOCENTE

**Figura 3 Afeto**



**Fonte:** Disponível: “Minha dança tem história” (hooks, 2019, p.19-20).

É relevante desenvolver estratégias, táticas, compromissos com o pensamento do sujeito negro, é indispensável a elaboração de recursos pedagógicos que tratem desse quesito, durante todo o ano letivo, pois, ainda no século XXI, o Brasil é muito afetado pela desigualdade racial tornando-se um grande desafio a ser enfrentado. “O racismo tende a banir da vida psíquica do negro todo prazer de pensar e todo pensamento de prazer” (COSTA, 1983, p. 10).

O que as pesquisas e literaturas têm levantado é que, no Brasil, o racismo responde a uma ideologia do branqueamento, marcado por uma sociedade hierárquica de desigualdades sociais e por discriminações no que diz respeito aos negros e aos indígenas.

A educação vem acompanhada de uma história baseada em tensões e disputas, sejam sociais, econômicas, políticas, de poder e até intelectuais. Como um contraponto, o diálogo com as contribuições da filósofa bell hooks vem mostrar que é possível se pensar em outro formato educacional (CARVALHO, 2018, p. 16).

Carvalho (2018) aponta o formato de como a bell hooks abstraiu o significado de educação. Para hooks (2019), é fundamental abordar todos os conceitos na educação, a mesma relata em seu livro “O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras” que o feminismo é,

e deve ser apresentado para toda a sociedade, mas, muitas pessoas ainda refletem que tal conhecimento é dedicado apenas para indivíduos que estejam dentro da universidade.

Frisando essa reflexão, muitas pessoas que não tem diploma tem um saber, as nossas avós e avôs, por exemplo, elas e eles possuem um saber, uma experiência que a universidade não alcança. Consequentemente, a autora, ao tratar dessa realidade, salienta que todos têm o direito de conhecer, e transformar tais conhecimentos. Dessa forma, o investimento educacional transforma pessoas e realidades “(...) Essa discussão chama a atenção que o currículo também não é algo neutro” (CARVALHO, 2018 p.30).

Com isso, o currículo escolar e o controle social andam juntos. Os livros didáticos referem-se ao currículo, e quando se pensa em livros didáticos, se pensa no gênero, nas desigualdades, no mais, essa reflexão se destaca que o material constitui apenas algumas representações sociais:

Os livros didáticos expressam o conhecimento que deve ser trabalhado pelos professores com seus alunos. Mas esse conhecimento não é neutro. Carrega a ideologia educacional, social e cultural vigentes. Consequentemente, replicam certas representações sociais. As autoras enfatizam que essas representações podem passar despercebidas e assumir a postura de papéis sociais que homens e mulheres devem assumir (CARVALHO, 2018, p. 35).

É preciso ter um olhar crítico e atento ao se trabalhar com o livro didático, e conhecimentos sobre gênero, raça, sexismo e feminismo. Tais conceitos devem ser problematizados. No mais, todo conhecimento e desenvolvimento irá afetar a criança que estará em processo de aprendizagem.

A transformação dentro do ambiente escolar requer uma atenção maior na diversidade. Deve-se, primeiramente, atentar aos pontos durante a formação de professores na graduação, assim é responsabilidade de todos os cursos de licenciatura estimular uma aproximação dentro da universidade sobre a realidade de seus futuros alunos.

Isto posto, é importante criar um olhar crítico no âmbito educacional. Consequentemente, os docentes devem ter clareza sobre como transformar e mudar toda esfera apostando nas diferenças e aprendizados.

A partir do ano de 2000, a maioria das teses e dissertações analisa os impactos do ingresso na profissão com o chamado “choque de realidade”, o aprendizado da profissão durante os primeiros anos de exercício profissional, isto é são

estudos que examinam a relação entre as experiências iniciais e o desenvolvimento profissional, a construção da identidade docente e a socialização profissional. Essas pesquisas podem ser categorizadas como: aprendizagem da docência, prática pedagógica de professores iniciantes, programa de mentoria e formação profissional, sobre docentes da educação básica e da educação superior (ROMANOWSKI, JOANA & MARTINS, PURA. 2013, p.04).

De acordo com os autores, Romanowski, Joana, Martins e Pura (2013), ressaltam que o desenvolvimento de profissionais na área da educação tem apresentado resultados precários durante toda a formação. Desse modo, muitos professores ingressantes não possuem formação adequada e assumem a docência em condições precárias.

Esses pontos são apresentados por falta de políticas dentro da formação docente. Consequentemente, tratar e transformar os currículos durante a formação é essencial para mudar toda a realidade conforme apontado nos estudos acima. A mesma tem como objetivo preparar o sujeito para uma sociedade mais justa e igualitária, com representações de olhares mais críticos e criativos.

Essa falta de conexão da escola, tanto com a sociedade quanto consigo mesma, não é apenas prejudicial para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, que se dá pela capacidade de fazer relações cada vez mais amplas e complexas, mas prejudica também as relações humanas, a prática da justiça social, o exercício da cidadania, implica diretamente o aumento do grau de angústia e solidão e impulsiona cada vez mais ao consumo de produtos, de pessoas, de drogas lícitas e ilícitas (MOSE, 2004, p. 51.)

Viviane Mosé ajuda a pensar no investimento de pesquisa e formação para profissionais da educação. Com isso, a primeira iniciativa, talvez seja reconstruir dentro das instituições a transformação e cuidado com a formação das educadoras (MOSE, 2014).

Tendo como foco a educação infantil, sendo uma fase que a criança tem um desenvolvimento propício, seja: cognitivo, afetivo, motor “[...] de acordo com os censos realizados pelo Instituto de Estudos e Pesquisas Pedagógicas Anísio Teixeira - INEP indicam que a educação infantil acolhe aproximadamente 30% das crianças nos centros de educação infantil, em escolas e colégios” (ROMANOWSKI, JOANA & MARTINS, PURA, 2013, p. 5). Ela tem a capacidade de aprender na fase primária, por isso a necessidade de relatar e experimentar novas oportunidades em fazer com que a mesma conheça suas raízes ancestrais. Essa aprendizagem se tornará um processo de valorização para a mesma.

A vida escolar, ainda hoje, organiza-se em séries, e os saberes se dividem em diversos conteúdos isolados, sem conexão uns com os outros, em aulas de cinquenta minutos, que ainda se anunciam por um sinal sonoro que lembra o apito das fábricas. Gramáticas, literaturas, álgebra, geometria, genética, citologia, ótica, mecânica, saberes que são ministrados isoladamente, cada um retratando um fragmento do saber que nunca se relaciona com os outros e com a vida, que, em si mesma, é extremamente articulada e complexa. Os conteúdos ficam tão fragmentados que levam os alunos a acreditar que estudam para os professores, para os pais, e não para si mesmos, para suas vidas (MOSE, p. 49. 2004)

Mas, acima de tudo, deve ter um olhar mais atento para a gestão, sendo a responsável em observar o processo da instituição com uma perspectiva que se tenha fatores que alega quaisquer tipos de preconceito, racismo, opressão ocorrendo dentro do ambiente escolar. É preciso recolher essa demanda e se organizar da melhor forma possível para que assim possa delimitar a construir projetos para quebrar tais desigualdades e opressões.

Nesse sentido, é proposto reunir toda a comunidade externa e interna para modificar alguns fatores do Projeto Político Pedagógico (PPP). Tal documento tem como objetivo melhorar o ensino da escola, e a sua construção, é feito coletivamente, sendo um trabalho pedagógico com bastante percepção, debate, reflexões que dá autonomia e a liberdade em articular fatores, que se ligue com a realidade do docente, discentes e de toda a comunidade, seja ela interna, seja ela externa:

Todo projeto supõe rupturas com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, sem atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ações possíveis, comprometendo seus atores e autores (GADOTTI, 1994, p. 579)

É preciso que a gestão ofereça cursos, palestras e eventos com instrumentos pedagógicos, para professores se aperfeiçoarem e despertarem a sensibilidade do corpo docente, refletindo sobre a possível ideia em levar a representatividade para a sala de aula. E é nessa troca de cultura que ele se torna pronto como um ser autônomo, é somente aí que se humaniza (MOSÉ, 2014).

Tais atividades requerem um grande processo, possibilitando que o docente apresente ações pedagógicas significativas. Compreender, reconhecer e aceitar o outro com toda a sua

multiplicidade constitui uma tarefa complexa para os/as educadores/as e toda comunidade escolar:

Por tudo isso, é preciso que a escola seja um lugar onde se aprende por meio da ação, e não da passividade, onde os conteúdos se relacionam, sempre que possível, com situações vividas pelos jovens e pelas crianças, e a aprendizagem aconteça em situações em que eles se reconheçam (MOSÉ, 2014, p. 56).

A educação tem como eixo norteador a interação social, uma delas é a troca de cultura, fazendo com que os alunos construam conhecimentos de forma a compreender todos os aspectos. De acordo com Garton (1994), quanto mais cedo a criança se envolve nas relações sociais, mais benefício obterá a curto ou longo prazo, tendo em vista as experiências e aprendizagens que resultam de tais interações. Para tanto, é indispensável essa construção com o objetivo de adquirir uma nova linguagem a partir do meio social.

Acerca dessa temática, observamos o quanto as crianças negras são prejudicadas, devido a sua classe social geral, sexualidade, são silenciados sobre as opressões que sofrem. Não tem espaço dentro da escola para se manifestar ou até mesmo pedir ajuda quando necessitam.

É por essas e outras questões que trazemos esse relato para refletir: Ora, uma criança negra que vem de um bairro periférico e estuda em escola pública, é olhada como uma criança já fracassada. Ela mesma, já constrói que não será capaz de entrar em uma universidade pública por ser negra: “[...] jovens e crianças terminam submetidos a processos e engrenagens que os tornam tão pequenos e insignificantes que não se sentem impotentes para transformar aquilo que os oprime” (MOSÉ, 2014, p. 52).

Essas relações representam muito o movimento dentro das escolas públicas do nosso país. A forma como o ser negro é visto constrói uma desvalorização, um corpo fracassado. Com desprezo e fracasso, crianças negras repudiam seus beijos grossos, alisam seus cabelos por terem como representação que são ruins, sentem vergonha de seus corpos, e do pigmento de sua pele. Nessa perspectiva, como futura pedagoga, devo sistematizar um olhar sensível para todas essas crianças.

Nessa mesma linha de pensamento, devemos criar e oferecer espaços de acolhimento, debate, incentivo e cuidado para estes alunos e alunas. Constatando que a porcentagem de alunos negros é maior e as variações socioculturais são diferentes, e que a escola é um espaço de formação do sujeito.

É importante considerar uma maior ênfase sobre assuntos, palestras, eventos, projetos que abordam a inclusão dos mesmos dentro do meio social, em qualquer situação todos e todas têm e devem ter direito. Em certo sentido, devemos pensar que antes de trabalhar com tais temáticas, é preciso ler autoras que tratam sobre o debate. De certo, o saber pode ser poderoso mais do que a força dos exércitos e das armas. O século XX foi atravessado pelo medo do pensamento crítico e pela supervalorização dos conhecimentos técnicos (MOSÉ, 2014).

Dadas às fragilidades nessas perspectivas, estamos apostando numa formação continuada, na formação dos gestores e docentes para alçar uma pedagogia libertária. Os livros e currículo são vistos aqui como fontes de atenção e de olhar crítico para se avançar em relação às questões étnico-raciais dentro de sala de aula.

## 5. METODOLOGIA

Nesta parte do trabalho de conclusão de curso, descrevemos como se deu o desenvolvimento do trabalho. De acordo com Tesch (1990), a pesquisa qualitativa pode oferecer uma resposta nessa busca, pois é capaz de incluir outras informações além das palavras, como pinturas, fotografias e documentos.

Frente aos objetivos propostos gerais: trazer subsídios para o trabalho da temática étnico-racial nas escolas, visando o reconhecimento e a valorização de identidades negras por meio da literatura infantil, e os objetivos específicos: Verificar possibilidades para abordar a diversidade cultural e o reconhecimento da identidade, dando oportunidade para a construção de vínculos afetivos dentro dos espaços escolares.

Nosso procedimento nesse sentido especificou levantamento de como bell hooks pode ser uma pensadora importante para trabalhar com as questões na Educação em vista do tema das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação infantil.

Mediante essa perspectiva, nossa análise se nos escritos da autora bell hooks, especificamente duas obras infantis da autora: *Meu crespo é de rainha* e *Minha Dança Tem História*'. Nesse sentido, é pautada também a experiência vivenciada a partir do projeto de extensão "Lê pra mim?".

A autora bell hooks visa refletir sobre o quanto podem ser representadas a diversidade e a construção da identidade de cada criança, através das literaturas infantis. O primeiro livro é o: *Meu crespo é de rainha*, com ilustrações por Chris raschka. Este foi o primeiro livro infantil escrito pela bell hooks o qual, traz sua primeira edição em março de 2018 com tradução de Nina Rizzi.

O livro foi feito em um ato de proteger todas as crianças. Em vista que em uma escola nos Estados Unidos primária Brooklyin, hooks presenciou um ato racista na qual uma professora fez uma leitura em que o livro era sobre cabelos “ruins”. Não satisfeita com aquele ato, hooks escreveu o livro como uma forma de sistematizar a beleza da negritude, como também para manifestar aquele momento ativista.

O livro trata-se de apresentar os cabelos crespos, ressalta que são cheirosos e macios, enaltece a valorização dos cabelos das meninas e dos meninos, conscientizando assim, todos os estilos. Uma das partes em que me instigou foi: “Feliz com o meu crespo, o meu crespo é de rainha”, em que traz em um contexto a valorização da própria identidade.

O livro traz diversas identificações de identidades e busca elevar a autoestima da criança negra. A ilustração parte de crianças negras com diversos tipos de cabelo, como moicano, coquinho, com tiara, tranças e livre, leve e solto. A linguagem do livro é didática, com formato de poema, no qual, traz rimas e alegria. A ilustração provoca muita emoção. A partir daí, surgem em meio a isso, culturas diferentes e movimentos que fazem pensar sobre novas propostas pedagógicas.

O segundo livro *Minha dança tem história* traz a representação masculina na dança relatando a cultura Black. O livro sucinta um menino que quer dançar, brincar, e contar histórias. Ele é feliz, e está se descobrindo. A obra foi lançada oficialmente em 2002, e posteriormente no ano de 2019 foi traduzida pela editora Boi tempo. Portanto, “A obra traz o encantamento de estar apaixonado por ser bibói” (hooks, p. 2019).

Aproximei-me da temática étnico-racial e das leituras de autoras/autores negros, por meio do projeto de extensão “Lê pra mim?”, com o objetivo de construir novos saberes dentro da minha formação docente e a reprodução de identificações da identidade e a valorização da literatura dentro dos espaços educacionais. No intuito de colaborar com os planos educacionais dentro dos espaços escolares.



O projeto “Lê pra mim?”, por meio das obras infantis, buscava conscientizar sobre os valores das culturas, demonstrando a construção e a valorização da identidade, resgatando costumes através de estratégias lúdicas e ilustrando a riqueza e as diversas formas para combater o racismo dentro da educação infantil.

O projeto abriu muitas oportunidades para eu vivenciar situações na prática educacional, adquirindo uma transformação pessoal e educacional, além dos momentos de construção de planos de aulas e ações pedagógicas, nos quais tive o contato dos saberes compartilhado pelo grupo que também fazia parte do projeto, relacionando a troca de experiência e a construção de saberes juntas. A experiência trouxe-me uma oportunidade para o desenvolvimento de um pensamento crítico e criativo. Conseqüentemente, vivenciei outro momento do projeto de extensão em que visou situações que, a dificuldade para encontrar livros infantis de autoras e autores negros era uma “luta”. Portanto, em alguns momentos, foi preciso construir histórias infantis para serem contadas, com o objetivo de trabalhar a diversidade e a autoestima dentro do espaço educacional, que visou o reconhecimento na educação infantil.

## 6. BELL HOOKS E A LITERATURA INFANTIL

**Imagem 4: bell hooks**



**Fonte:** <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/classico-do-feminismo-negro-obra-de-estreia-de-bell-hooks-e-relancada-no-brasil/>

bell hooks é leitora de Paulo Freire, desenvolve em seu trabalho questões relacionadas à raça, gênero, classe e educação! Tem um olhar crítico a respeito da pedagogia, pontua um olhar na educação como a transformação de uma sociedade igualitária sem qualquer tipo de preconceito. A pensadora possui mais de trinta livros publicados, cuja linguagem é acessível para todos os públicos, como também livros infantis.

Em seu livro *Ensinando a transgredir: A Educação Como Prática da Liberdade*<sup>22</sup> (2013), a autora salienta que teve uma grande depressão durante a graduação, ela estudava para ser professora e, revoltada com as opções da carreira, que se restringiam a casar, trabalhar como empregada e tornar-se professora de escola (hooks, 2013). Ela escolheu a carreira de professora, porém, seu sonho nunca foi esse, gostaria mesmo de tornar-se escritora.

Os negros tinham uma perspectiva que ao lecionar era fundamentalmente político (hooks, 2013). hooks salienta que foi durante o ensino fundamental em uma escola que era apenas para negro que teve uma experiência de como é uma revolução. Assim, ela salienta: “Com efeito, foi nas escolas de ensino fundamental, frequentadas somente por negros, que eu tive a experiência do aprendizado como revolução”. (hooks, 2013. p.10).

Hooks (2013) tem um olhar crítico sobre o ensino tradicional como também sobre as escolhas que se deve fazer quando se é negro. Durante a formação para lecionar, o educar trazia oportunidade de ensinar como uma forma de se defender perante a sociedade. Assim, na escola que frequentava, a luta pelo movimento negro era considerada uma das melhores conquistas.

Justamente, nessa perspectiva ela apresenta que ao ser encaminhada para outra escola, na qual a pessoas brancas era responsável e que, a realidade não era a mesma, junto com as diferenças em que lhe mostrou que a realidade do educar não era igual para todas e todos a forma que os alunos eram excluídos, isto foi um gatilho para a autora, e se transformou em revolta:

Imagine viver no mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas que a noção de mutualidade e o *ethos* que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo, precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas, mulheres e homens, auto realizadoras, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que somos todas e todos “iguais na criação”. Aproxime-se. Veja como o feminino pode tocar e mudar sua vida e de todos nós. Aproxime-se a aprenda, na fonte, o que é o movimento feminista. Aproxime-se e verá o feminismo é para todo mundo (HOOKS, 2018 p. 09).

A autora aproxima-se de um olhar que referencia um mundo mais político, sendo uma que critica a constituição racista, classista e patriarcal. Por quantas vezes, já refletimos sobre tais relações, sobre o quão bom seria se acontecesse uma revolução, em que mulheres, homens, homossexuais etc., pudessem ser referências dentro e fora do espaço escolares? Apresentando

suas determinadas culturas transmitindo assim mensagens de igualdades? Por fim, hooks aborda que é preciso que aconteça uma determinada movimentação, dirigida à comunidade interna e à comunidade externa do espaço escolar.

Com isso, investigamos o discurso que hooks chama atenção nas suas duas obras traduzidas em português voltado para o público infantil. Ela visa nos ajudar na reflexão acerca dos estudos negros na infância. A autora apresenta um pensamento feminista e antirracista que ao decorrer da sua graduação e pós-graduação, buscou se envolver nos estudos sobre mulheres. A sala de aula feminista era o único espaço onde os alunos podiam levantar questões críticas sobre os processos pedagógicos (hooks, 2013).

Nessa medida, transgredir, para hooks, é transformar a educação em momentos prazerosos, assim hooks (2013) articula a obra de Paulo Freire na educação com prática de liberdade. Ela pontua que as obras freireanas lhe ensinaram que ao chegar na sala de aula, bem como ela e os alunos, deveriam se encorajar nas estratégias sendo participantes ativos. Assim, todos deveriam trabalhar de modo coletivo, não se estabelece aqui dentro da sala de aula uma relação de poder entre aluno e professor, todos estão no mesmo patamar.

Assim, hooks (2013) conscientiza o conceito de transgredir como uma forma de dar a liberdade de trocar experiências com os educandos ali presente em sala de aula, respeitando sua forma de aprender e analisando a realidade de cada estudante para assim, conseguir valorizar mais a cultura de cada um/uma, durante as práticas efetuadas nos espaços educacionais. Dessa maneira, em sua obra, concretiza a valorização da prática pedagógica junto com a consciência.

Consequentemente, a troca de experiência é fundamental para hooks (2013). Ela ressalta que para estar dentro da sala de aula, é necessário que a educadora esteja totalmente presente de corpo, alma e espírito.

Assim sendo, o instante ali, eram apenas partes relacionadas à teoria acadêmica. Isso quer dizer, que pouco importava se os acadêmicos quisessem dizer de si, dos seus problemas com as drogas, das violências domésticas que as mulheres sofriam, ou abusos sexuais etc. hooks reflete que é possível fazer educação dizendo das nossas vivências.

Ela ressalta a liberdade que pode ser trabalhada em sala de aula, para se fortalecer e enfrentar situações como essas no cotidiano, podendo atuar de outra forma com afeto, amor, autonomia, pois, a partir da autonomia, os alunos vão desenvolver um olhar crítico durante toda a sua existência, iniciando na educação infantil, em que é o primeiro percurso a se trilhar.

Para que a questão da literatura infantil seja construída na educação, as educadoras devem tomar determinadas posições com o objetivo de fornecer um panorama da inclusão de mulheres negras na educação infantil.

Tal debate, de trazer autoras negras para a educação infantil, tem como propósito valorizar mulheres do Brasil, como do mundo. Tratar dessa representação é relacionar o movimento social dentro do âmbito escolar, pois, quando se fala de autoras negras na educação infantil?

É nesse caminho que persiste a necessidade em refletir que elas não são incluídas na educação, não dando oportunidade para que as crianças possam se inspirar ou até mesmo se identificar pelas suas histórias e vivências.

Além de não expor autoras negras em livros infantis, há apenas representação de bonecas brancas de cabelo liso, inviabilizando as personagens negras. Munanga (2015, p. 37-38):

Diante desse quadro, qual seria a saída do colonizado? Historicamente duas tentativas foram observadas e analisadas. A primeira consistiu no embranquecimento. Na sua totalidade, a elite negra alimentava num sonho: assemelhar-se tanto quanto possível ao branco para, na sequência, reclamar dele o reconhecimento de fato e de direito. Como tornar real essa semelhança a não ser através da troca de pele? Ora, para chegar a isso, pressupunha-se a admiração da cor do outro, o amor ao branco, a aceitação da colonização e a auto-recusa. E os dois componentes dessa tentativa de libertação estão estreitamente ligados: subjacentes ao amor pelo colonizador, há um complexo de sentimentos que vão da vergonha ao ódio de si mesmo. O embranquecimento do negro realizar-se-á principalmente pela assimilação dos valores culturais do branco. Assim, o negro vai vestir-se como europeu e consumirá alimentação estrangeira, tão cara em relação a seu salário.

Diante dessas práticas, é que surgem os diversos preconceitos e exclusão. A falta das políticas adequadas dentro do cotidiano traz um impacto muito forte para as crianças, principalmente as alunas negras que já trazem uma percepção negativa de casa, em vista que sua identidade é desvalorizada.

Para quebrar esse tabu na educação, é importante apresentar livros infantis que tenham personagens negras, isso representa uma grande diferença na compreensão do lugar da mulher na sociedade. Demonstra que as mulheres podem habitar em qualquer lugar na esfera social. Ampliar uma relação afetiva com os diversos campos que ela tem a liberdade de atuar como em área sociocultural, econômica e política, desconstruindo a naturalização das desigualdades-

Por outro lado, ainda que a maioria das mulheres não tenha um emprego satisfatório, tomar parte da esfera pública por meio da inserção no mundo do trabalho em vez de permanecer na rotina de isolamento e trabalho doméstico repetitivo é considerado por muitas delas um bem. Ainda que se faça a crítica à idealização do trabalho remunerado por parte do feminismo, a relação entre acesso ao trabalho e a cidadania permanece incontornável (MIGUEL & BIROLI, 2014. p. 38).

Disso, as mulheres docentes ainda avançam de modo lento, isso se reflete tanto na gestão, bem como na docência da instituição escolar. Diante disto, é relevante desenvolver estratégias para inserir as mulheres no campo da educação.

Além da preparação para a cidadania e para o trabalho, a função social da escola é conscientizar os alunos para viverem em uma cultura diversificada, em uma sociedade de direitos e deveres entre homens e mulheres.

Todos, sem exceção, têm o direito à vida, à liberdade de expressão, o direito ao trabalho e à educação. A escola tem o dever de discutir tais direitos que são fundamentais entre os alunos e alunas, até porque o ambiente educacional promove a convivência, as trocas de experiência e a cidadania.

Desse modo, tratar de questões de gênero, racismo, e direitos, através de brincadeiras lúdicas, livros infantis, é apostar em estratégias singulares para o desenvolvimento da criança. Para pôr tais temas em debate, é recomendável fazer com que se tenha um currículo libertador, com o propósito de apresentar mecanismos que ultrapassem esses marcadores opressores que geram adoecimento.

## 6.1 Meu crespo é de rainha

Imagem 5: Foto da obra: “Meu crespo é de rainha”



**Fonte:** disponível em <http://www.lendojunto.com.br/2020/11/livro-para-as-cacheadas-crespas-e.html> acesso 21 de outubro de 2021

Dentre as diversas atividades que devem ser desenvolvidas no sistema educacional, a prática da literatura infantil é essencial, pois ela é um gênero que ocupa a imaginação e as representações como um todo.

Ao selecionar livros, dentre eles, os seus diversos gêneros, por que não escolher livros que absorvam conteúdos que ampliem a inclusão de todas as crianças? Em que a mesma possa se identificar dentro do âmbito social. A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro lado, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino (ZILBERMAN, 1985).

Para promover as representatividades dentro da sala de aula e ampliar a cultura, é possível trabalhar e programar atividades pedagógicas com protagonistas negras. As mesmas mostram

uma grande realidade, trazendo superação, identificação e a valorização da identidade, elevando a autoestima das crianças durante todo o ano letivo.

Congruente a isso, a autora, educadora e ativista, bell hooks propõe desenvolver livros infantis que visam dar importância em trabalhar a temática étnico-racial dentro da educação, de forma que a autora traz pontos positivos que reforçam o movimento social dentro das instituições, como também a inclusão de crianças negras na sociedade.

Conseqüentemente, o trabalho da hooks traz uma grande esperança para todas e todos, assim esse poema que ela apresenta tem como objetivo elevar a autoestima da estética negra e fazer com que as crianças negras se identifiquem e assim construam suas próprias identidades. Finalmente este livro é “ferramentas para reverter o processo histórico de invisibilidade” (XONGANI, 2018).

A obra repercute por imagens de crianças negras. Ao lê-la em sala de aula no projeto “Lê pra mim?” as crianças negras se identificaram com as imagens e com a história que diz sobre o cabelo crespo: “feliz com meu cabelo firme e forte, como cachos que giram, e o fio feito mola se enrola, vira cambalhota?” (p. 27-28, 2018).

As imagens frisam a multiplicidade dos cabelos. O “Pixaim”, um cabelo naturalmente orgânico, crespo, com cachos ou não! bell hooks ressalta que o pixaim vira vários modos de ser de um cabelo.

**Figura 06: Pixaim**



**Fonte:** Disponível na obra: “Meu crespo é de rainha” (2018, p. 02)

hooks provoca outro discurso a respeito das mechas dos cabelos crespos. Se a sociedade frisa que pixaim deve ser alisado, a autora provoca num sentido de encontrar a beleza e a multiplicidade do que o cabelo pode vir a ser. Engajando numa frase de potência para todos e todas que sofreram preconceito, racismo por ter o cabelo crespo “Nosso crespo é de rainha” (hooks, 2018, p. 30).

## 6.2 Minha dança tem história

**Figura 07:** Menino bolado



**Fonte:** Disponível: “Minha dança tem história” (hooks, 2019, p.14).

Para Kenneth Marlowe amado irmão, o bibói da minha infância. pelas lembrança dos momentos de ternura e alegria compartilhada (bell hooks, 2002, p.30).

O segundo livro analisado o qual foi escrito por bell hooks com ilustrações por Chris Raschka chama-se *Minha Dança tem história*. Ele traz a apresentação da história de Bibói, e a representação masculina nas danças e na cultura black.

Bibói é um garoto negro, olhos castanhos, com cabelos ondulados. Gosta de se sentir livre com suas rimas e danças. A obra traz outro olhar que transgride os padrões hegemônicos de masculinidade que associam a figura masculina à agressividade, violência e dominação.

Ressaltando que os meninos não jogam apenas futebol ou vídeo game, eles também tem sentimentos. Através da leitura, observa-se que Bibói está em busca de se conhecer: “Sou Bibói sorrindo, chorando, contando minha história! No batuque, no batuque. Faço a rima e bamboleio” (hooks, 2002. p 15-16).

Isso posto, a história reflete sobre o hip hop e os sentimentos de um menino, e o modo como ele não tem vergonha de se expressar. Assim, os meninos também choram, sorriem e falam



sobre a sua história e cultura. A cultura break que Bibói representa, permeia pelas comunidades de classe média e periféricas, nas quais o hip hop está bem presente. Bibói transforma as páginas do livro em um verdadeiro palco, que traz uma ilustração bem alegre e dá asas para ele fazer danças da cultura break.

Bibói expressa o quanto é bonito e a dança e rimas faz com que ele se sinta confiante. É possível observar que a obra traz a elevação da autoestima e um olhar para os meninos, na qual podem ser o que eles quiserem.

Nesse sentido, a narrativa mostra que o livro infantil pode proporcionar um olhar para a valorização da negritude, dado que não é qualquer livro que possibilita essa leitura crítica de mundo, traz um olhar para a valorização da negritude e a sua cultura que frisa o reconhecimento da construção da identidade, com o propósito da obra chegar a todas as crianças e elevar a autoestima, onde, a partir da imaginação do faz de conta será posto um desenvolvimento cultural no qual resgatará costumes que vai estimular o reconhecimento do mundo.

## **7. A EXPERIÊNCIA NO PROJETO “LÊ PRA MIM?”**

Com relação às reflexões acima, possibilitou uma abordagem de toda experiência no momento da graduação, que me fez ter um olhar menos tradicionalista, quando eu estiver em sala de aula. Trazer significativas, assim como hooks traz em sua obra, –que visa ter afeto e olhares mais críticos perante qualquer situação desconfortável. Esta experiência foi de grande relevância para minha trajetória acadêmica.

Ao iniciar o curso de pedagogia no ano de 2017 na Universidade Federal de Lavras-UFLA tive a oportunidade e o interesse em participar do projeto de extensão “Lê pra mim?”.

O projeto de extensão foi realizado no período de 27 de julho de 2017 a 1 de outubro de 2018, totalizando 744 horas trabalhadas. Era organizado duas vezes na semana, com o objetivo de fazer reuniões e organizar as atividades pedagógicas para a prática na escola. O projeto tinha como metodologia o trabalho a abordagem da literatura infantil com a temática étnico-racial, com o objetivo de promover a valorização da diversidade com as crianças. Como consta na proposta do projeto:

Como parte das ações do Núcleo de Estudos em ensino-aprendizagem de línguas (NEAL), o projeto "Lê pra mim?" tem como objetivo estimular o gosto pela

leitura, de modo a promover a inserção dos estudantes da educação básica na Cultura Escrita. A partir da inserção de histórias de origem africana e indígena, visa também à valorização e respeito às diferenças e à educação para as relações étnico-raciais. O projeto prevê a realização de rodas e oficinas de leitura nas escolas da educação básica do município de Lavras-MG.

Durante a dinâmica da reunião era oferecido um tempo para pesquisar autoras, autores negros de livros infantis. Foram encontradas inúmeras dificuldades, e muitas vezes, foi preciso abordar histórias a partir da nossa criatividade e reinvenção, pois, o acesso a produção desses livros era muito pouco. Recordo que, para nos deslocar até a escola, nos reunimos para pegar uma van que era oferecida pela Secretaria Municipal da cidade de Lavras, onde o projeto foi desenvolvido.

Começamos a trabalhar com crianças da educação infantil, elas eram muito participativas. Os participantes identificavam-se com as atividades, principalmente os alunos negros com aproximação na construção de sua identidade.

As brincadeiras também eram uma ferramenta do projeto após a leitura. Eram brincadeiras que compunham a temática afro-brasileira, com objeto de resgatar a identidade negra. Faço referência de algumas.

#### **a) Canto 1**

#### **Escravos de Jó<sup>3</sup>**

Escravos de Jó

Jogavam caxangá

Tira, põe

Deixa ficar

Guerreiros com guerreiros

Fazem zigue-zigue-zá

Guerreiros com guerreiros

Fazem zigue-zigue-zá

Escravos de Jó

---

<sup>3</sup> Letra de Escravos de Jó

Jogavam caxangá  
Tira, põe  
Deixa ficar  
Guerreiros com guerreiros  
Fazem zigue-zigue-zá  
Guerreiros com guerreiros  
Fazem zigue-zigue-zá  
Escravos de Jó  
Jogavam caxangá  
Tira, põe  
Deixa ficar  
Guerreiros com guerreiros  
Fazem zigue-zigue-zá  
Guerreiros com guerreiros  
Fazem zigue-zigue-zá  
Escravos de Jó  
Jogavam caxangá  
Tira, põe  
Deixa ficar  
Guerreiros com guerreiros  
Fazem zigue-zigue-zá  
Guerreiros com guerreiros  
Fazem zigue-zigue-zá

## **Canto 2**

**Olélé! Moliba makasiOlelé!**<sup>4</sup>

A correnteza está forte

---

<sup>4</sup> Tradução da língua Lingala. Kinshasa: Capital da República Democrática do Congo. Tradução e pesquisa: DNA - África - Diáspora das Nações Africanas (Miranda). Disponível: <https://corujainquieta.blogspot.com/2019/10/roda-africana-cantiga-olele-moliba.html>

OlelêOlelêOlelê\_A correnteza está forte\*

Olelê

Olelê

Olelê

A correnteza está forte

Ei barqueiro

Pegue seus remos

E empurre a água para atrás de você

Olelê

Olelê

Olelê

A correnteza está forte

Olelê

Olelê

Olelê

A correnteza está forte

Barqueiro! Você rema forte!

Você rema rápido!

Sua canoa desliza na água!

Olelê

Olelê

Olelê

A correnteza está forte

Olelê

Olelê

Olelê

A correnteza está forte

Barqueiro, você ainda está de pé

Vamos, reme

Vamos a Kinshasa\*\*

Olelê

Olelê

Olelê

A correnteza está forte

#### **b) Brincadeiras 1**

Amarelinha africana, terra e mar, abayomi,

**Figura 08:** Abayomi



**Fonte:** Disponível em: <https://www.elo7.com.br/abayomi/dp/AD78FB>

Tivemos um bom encontro com as professoras e gestoras da escola. Durante as situações vivenciadas na sala de aula, a troca de experiência foi muito rica e poderosa, e todas nós, futuras profissionais educadoras, tivemos a oportunidade de refletir sobre novas práticas na instituição de ensino.

O reconhecimento de todas e todos como o corpo docente e gestor da escola sobre as nossas concepções de práticas pedagógicas, que estavam pautadas na valorização da diversidade cultural. Sempre fomos bem recebidas na instituição, as professoras ofereciam café e éramos convidadas para eventos oferecidos pela escola.

O projeto de extensão me conduziu a momentos ricos em aquisições, pude participar de eventos organizados por todas bolsistas dentro da universidade, durante os eventos criei responsabilidade, afeto e dedicação aos trabalhos.

Um dos eventos foi a semana da pedagogia, promovido pelo Departamento de Educação realizado no período de 20/5/2019 a 23/5/2019, na qual foram ofertadas várias situações para as graduadas em pedagogia. A dinâmica foi dividida pelas bolsistas e apresentamos, durante o evento, a lei que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB aponta como o dever em trabalhar com a temática dentro das instituições. Foi oferecido uma leitura e depois brincadeiras, música, danças e movimentos.

A partir disso, na discussão que aconteceu na oficina do evento da semana da pedagogia, foi debatido sobre a inclusão da temática e sobre a nossa realidade. Surgiram relatos a respeito da produção de discursos que a família reforça e constrói a cerca da construção da identidade. Alguns relatos sobre esse aspecto:

- Meu cabelo é crespo, mais desde criança, minha mãe construiu uma versão de cabelo liso em mim, se ele estivesse solto era preciso usar a chapinha, e hoje eu não consigo deixar ele cacheado, a progressiva limita muito minha autoestima, sem a progressiva não me sinto bem.
- Depois que entrei na universidade, consegui me reencontrar!
- Já sofri muito racismo da minha própria família pela minha liberdade em deixar meu cabelo cacheado.

Os relatos das alunas do curso de graduação em pedagogia, apontaram a discussão de gênero, de raça e o discurso da família, marcados por uma representação de identidade não valorizada. Tais relatos mostram o posicionamento das discussões ao longo deste trabalho, na qual abordou a valorização de autoras negras na educação infantil. Embora as famílias venham de uma geração tradicional, isto demonstra o quando as gerações mais novas reproduzem os seus discursos.

. Em meio a isso, o processo educativo inicia-se primeiro na instituição familiar, porém, “[...] isso leva a dizer que nem sempre os conhecimentos valorizados pelo grupo familiar são os mesmos valorizados e reconhecidos pelo grupo familiar e vice-versa” (CAVALLEIRO, p. 18, 2012). Nessa perspectiva, a instituição familiar *versus* a instituição escolar está imbuída e muitas vezes refletem conflitos.

Mais uma vez, nos referimos a uma discussão sobre o seguinte: se, para subverter a política de dominação em sala de aula, basta usar um material diferente ou é preciso ter um ponto de vista diferente, mais radical. Mais uma vez, você e eu, estamos dizendo que um assunto diferente e mais radical não cria uma pedagogia libertadora; que uma prática simples, como a de incluir uma experiência pessoal, pode ser mais construtiva e desafiadora do que o simples ato de mudar o currículo (hooks, 2013, p. 198).

No mais, para auxiliar durante a práxis o educador ou a educadora, deve-se caminhar por diversas pesquisas científicas para que assim consiga entender a relevância do assunto dentro do ambiente escolar, espaço este, que gera troca de conhecimento, como as diversas culturas “[...] em que se é capaz de conhecer o mundo e ter a competência de mostrá-lo ao outro por meio do diálogo” (CARVALHO, 2018. p. 15).

Os momentos ricos no projeto não finalizam aqui, trago outro relato que me afetou ao observar o dia-a-dia das crianças, tivemos a oportunidade de convidá-las para fazer um passeio no Museu da Universidade Federal de Lavras-UFLA. A maioria das crianças nunca tinha ido à universidade, e muitas, não sabiam o que era uma universidade.

Conseguimos o apoio da Secretaria da Educação de Lavras que transportou todas as crianças e professoras até o museu, foi um dia potente, preparamos teatro, cantigas, danças e teve um piquenique, contribuímos com o suco e a pipoca. Ao direcionar algumas meninas até o banheiro uma delas se olhou no espelho e salientou:

- Nossa, meu cabelo tá armado, precisava de uma chapinha para deixar ele baixinho, vou jogar água!

Outro relato que ocorreu na extensão foi durante uma leitura do livro ‘Menina Bonita de laço de fita’ escrito por Ana Maria Machado. A leitura foi organizada em roda, a história apresenta a representatividade e a admiração de um coelho branco por uma menina negra de

cabelos ondulados e fita vermelha, a história tem uma trajetória em que o coelho fazia de tudo para ser idêntico a ela, no meio da fala de uma das bolsistas que ficou responsável pela leitura, um menino da cor negra diz da seguinte forma:

- Eu não sou preto igual ela , sou branco!

A partir desses enunciados, aprendi a ter um olhar pedagógico durante os textos, direcionado pela orientadora Luciana Soares, que nos fez ter um posicionamento quando, por exemplo, deparar com situações como os relatos acima. De nada adianta saber que a construção da identidade necessita da troca de olhares, afeto, diálogo e cultura e não o praticar. Ao analisar a fala das crianças, pude conversar e acolher elas com carinho, apresentando sujeitos negros reconhecidos pela mídia, como exemplo de empoderamento e identidade.

Esses relatos possibilitaram a construção de um novo pensamento dentro da educação, com novos significados e críticas, pois muitas vezes, essas frases se tornam clichês passam despercebidas dentro das práticas educativas.

O projeto de extensão “Lê pra mim?” possibilitou-me a experiência de ficar dentro da sala de aula com vinte alunos, isso nos proporcionou autonomia, olhar crítico. Haja vista também, que alçou a oportunidade em construir conhecimentos, habilidade para trabalhar em equipe, que fundamentou o desenvolvimento social através das leituras, e brincadeiras que fez a criança agir, pensar e se transformar.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foi possível analisar que o conceito acerca da raça traz relações que visam diagnosticar condutas culturais e políticas em relação à comunidade, o racismo enquanto uma opressão conduz traumas e até mesmo adoecimento no sujeito.

Em meio a isso, pregar a diversidade educacional conduz a formas para o reconhecimento das identidades. Ao longo da pesquisa foi realizadas elaborações e estratégias para o enfrentamento do racismo e o não reconhecimento de ser negro ou negra.

Foi possível ter um olhar mais crítico e analisar práticas pedagógicas a partir da lei nº 10.639/2003 e a lei nº 11.645/08 que destacam a obrigatoriedade da temática “História e Cultura



Afro-Brasileira e Indígena” dentro dos espaços educacionais. Aliada a essas concepções, o trabalho trouxe formas de criar espaços e projetos para uma formação continuada, que deve ser estabelecida pela gestão escolar e toda comunidade da instituição. A oportunidade para a representatividade e a reestruturação deve trazer novas experiências educacionais e, deve ter como eixo, uma atenção maior para trabalhar as relações étnico-raciais dentro da educação infantil.

Outro aspecto importante abordado foi a produção de uma educação libertadora a partir do pensamento de bell hooks, uma educação crítica que vise o afeto e a construção de um saber entre o aluno e o docente, da qual destacamos o fato de que todas e todos tem o poder de aprender articulando sobre as perspectivas da realidade da comunidade inserida e dando a importância em escutá-la e observá-la, trazendo propostas pedagógicas para o reconhecimento da identidade de cada discente.

É importante ressaltar que a educação libertadora é percorrida através do afeto, essa troca deve ocorrer pelas docentes e discentes, sendo participativos e assim fazer explorações de estratégias pedagógicas para que ultrapassem por experiências pessoais, fortalecendo um olhar mais significativo. Nesse sentido, foi possível identificar que essa relação visa quebrar a aprendizagem tradicional dentro dos espaços educacionais que é uma educação mecânica e é feita apenas para consumir informação.

Essa relação é para transformar olhares de alunos e professores, em que visam articular uma formação igualitária para todas e todos, de modo que, os docentes possam aperfeiçoar suas formações para que assim, enriqueçam o conhecimento no processo de ensino.

Como metodologia, foram analisados dois livros infantis que se mostraram importantes ferramentas para a leitura fluir melhor, conduzindo grandes reflexões para ações que podem ser desenvolvidas para alunos/as com o intuito de compreender melhor a diversidade. Em que, a partir de dois livros infantis da autora ativista hooks, *Meu crespo é de rainha* e *Minha Dança Tem História*, foi proposto um resultado de intervenção para as práticas que tem-se como objetivo ensinar e apresentar a respeitar as diversas culturas e costumes.

O livro infantil, *Meu crespo é de rainha*, nos mostrou a valorização e o significado dos cabelos crespos, que pode ser usado livre, leve e solto, ou até mesmo com turbante, trazendo como objetivo a elevação da autoestima. Nesse sentido, o livro infantil *Minha Dança Tem*

*História* apresentou que cada sujeito pode ser o que quer que seja, pode dançar, cantar e chorar, independente se é menino ou menina, todas e todos tem sentimentos.

Finalmente, o projeto de extensão impactou as ações como práticas educacionais dentro da educação infantil, na qual, como um grande resultado, apresentou que é possível trabalhar a temática étnico-racial dentro dos planos educacionais a partir de livros infantis. Destarte, como objetivo, trouxe o reconhecimento de diversas identidades e um olhar crítico para uma educação significativa e libertadora, em que, frisa um olhar para a realidade dos alunos que estavam inseridos na comunidade que foi realizadas as ações pedagógicas sobre a temática étnico-racial, que visou uma construção de identidade e autoestima, destacando também a valorização da literatura infantil.

## 9. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018

Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WFF Martins Fontes, 2013.

AZEVEDO, Bruno Mariani de Souza & CARVALHO, Sérgio Resende **Diário de Campo como ferramenta e dispositivo para o ensino, a gestão e a pesquisa.**, 2009.

BRASIL. **Estatuto da igualdade racial**: Lei nº 12.228, de 20 de Julho de 2010, e legislação correlata, 2015

BRASIL. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Lei nº 10.678 de 23 de maio de 2003.

BRASIL. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Lei nº 11.645/08.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo, e Desigualdade no Brasil**. São Paulo. SeloNegro, 2011.

Disponível em> <https://lunetas.com.br/meu-crespo-e-de-rainha/> > acesso 10 de set 2021

CARVALHO, Nális de Torres. **Educação**: Dialogando com Bell Hooks sobre a educação brasileira. Monografia defendida Universidade de Brasília- UNB Intituição de ciências humanas departamento de Filosofia, Brasília. Orientador: Prod. Dr. Pedro Erginaldo Gontijo, 2018.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do ar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo, Editoracontexto, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio: **Tornar-se negro**: As vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social. Neusa dos Santos Souza. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, 1967

FELIPE, J. GUIZZO N, S. **Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo**.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 1997.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: **A educação como prática da liberdade**; trad de Marcelo-SP. 2013.

hooks, bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo**. 2018.

hooks, bell . **Meu Crespo É de Rainha**, 2018.

hooks, bell **Minha dança tem história**, 2019.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. São Paulo- SP. 2009.

MIGUEL, Luiz Felipe. BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. São Paulo- SP. 2014.

MOSÉ, Viviane. **A Escola e os Desafios Contemporâneos**. Rio de Janeiro. 2004.

MUNANGA, KABENGELE. **Negritude: Usos e sentidos**. 3. Ed. – Belo Horizonte> Autêntica Editora. – (Coleção Cultura Negra e Identidade), 2015.

MIGUEL, Luiz Felipe, BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. 1 ed. São Paulo: Boi tempo, 2014.

OLIVEIRA, Fátima. Ser Negro no Brasil: Alcances e Limites- 2014.

ROMANOWSKI, JOANA & MARTINS, PURA. **DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INICIANTE**S. São Paulo.

SANTOS, Neusa, S. Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e Brincadeiras na educação infantil**. FE-USP. São Paulo. 2010

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1985.

GUIMARÃES, Antonio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2009

WIEVIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

RISÉRIO, Antonio. A utopia brasileira e os movimentos negros. São Paulo: Editora 34, 2012.

ROMANOWSKI, Joana Paulin y OLIVER MARTINS, Pura Lúcia. **DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INICIANTE**S. Vol.6, n.1, pp.83-96, 2013.

Tesch, Renata (1990). **Qualitative Research. Analysis Types & Software Tools**. London: Routledge Falmer.

OLIVEIRA, Fatima. **Ser negro no Brasil alcances e limites**. Estudos avançados 18 (50), 2004.

Gadotti, Moacir. Pressuposto do projeto pedagógico. In: MEC. Anais da Conferência Nacional de Educação para todos, 1994.